



O bulldog Gustavo Rosa odeia as seis cordas e Cília faz-lhe a vontade, compõe ao computador

# O compositor informático

O *Avante Camarada* ainda o persegue, mas Luís Cília há muito que abandonou os cânticos revolucionários. E converteu-se às novas tecnologias

FILIPE FIALHO

**N**a Paris de Sartre e dos estudantes vivia-se o ano louco de 1968. Os portugueses que fugiram do regime de Salazar faziam pela vida e entusiasmavam-se com os ideais revolucionários. Carlos Antunes, funcionário do Partido Comunista Português (PCP) na capital francesa — mais tarde conhecido como fundador do Partido Revolucionário do Proletariado/Brigadas Revolucionárias (PRP/BR) — dirige-se a um seu camarada e faz-lhe uma encomenda especial: «Arranja-me uma canção que passe na rádio.»

Luís Cília, exilado na capital francesa desde 1964, meteu mãos à obra e compôs um tema que marcaria para sempre a sua carreira musical. Pouco tempo depois, cumpria-se o apelo feito num dos versos, «junta a tua à nossa voz»: os opositores ao Estado Novo, e sobretudo os comunistas, já sabiam de cor e salteado o *Avante Camarada*: «Nunca pensei que se tornasse o hino do partido, pelo menos não era essa a minha intenção», confessa o autor. Admite, contudo: «A letra era tão má...»

**SEM VIOLA** A colagem ao PCP e a actividade como cantor de intervenção são a imagem de marca de Luís Cília, nascido há 52 anos no Huambo, Angola. Só que o seu percurso, em particular nos últimos anos, demonstra que tais rótulos não passam de uma herança que o músico sempre tentou evitar: «Não renego o meu passado nem me arrependo de quaisquer dos meus trabalhos.»

*Bailados*, título do último disco, editado já este ano, prova que vão longe os tempos em que Luís Cília pegava numa viola e dava voz à poesia portuguesa: Pessoa, José Gomes Ferreira, Eugénio de Andrade ou António Borges Coelho. «Devo ter sido dos primeiros a musicar poemas do José Saramago», acrescenta. Mas desde 1987, quando saiu *Penumbra* — assente na obra de David Mourão-Ferreira —, que nenhum dos seus discos é cantado.

As novas tecnologias fizeram com que Luís Cília optasse cada vez mais pela música instrumental: «A composição por computador é um desafio fascinante, já não consigo funcionar de outra maneira. Se calhar perdi alguma espontaneida-

de mas, como diz o Pierre Boulez, a música é a arte de combinar os sons e, nesse aspecto, a informática é um excelente fião.» Existe, porém, uma razão bem mais prática que o impede de compor como nos bons velhos tempos: «O Gustavo Rosa não deixa. Abro a mala onde está a viola e ele fica logo irritado.» A figura em causa, por estranho que pareça, é um bulldog que perde as estribelhas sempre que o dono se aproxima dos instrumentos de seis cordas.

Quando chegou a Lisboa, no final da década de 50, Luís Cília tinha como objectivo frequentar o antigo curso de Económicas e Financeiras, mas depressa mandaria as actividades universitárias às urtigas: «Limitava-me a jogar basquetebol no Quelhas. Nessa altura, estava virado para o rock — devo ser prá aí o avô do rock português. Em 1960, cheguei a cantar em directo num programa do João Martins, na Rádio Renascença, o *Domingo às Dez*.»

A Casa dos Estudantes do Império (CEI), local por onde passaram grandes nomes dos movimentos de libertação e mais tarde encerrada pela PIDE, é a responsável pela viragem musical do compositor: «Era um meio bastante politizado. Foi lá que conheci o Rui Mingas (actual embaixador de Angola em Lisboa), que cantava e tocava melhor do que eu, e o Daniel Filipe, poeta cabo-verdiano, que me emprestou os discos do Leo Ferré e do Georges Brassens.» Seria também este último que o levou para o PCP: «Foi uma adesão emocional, tal como sucedia em 90 por cento dos casos. Com o mau estar que se sentia, era normal que mostrássemos o nosso desagrado dessa forma», recorda.

**O SALTO** Em 1964, ao ser incorporado no serviço militar, seguiu o exemplo de muitos outros e deu o salto para a Cidade Luz. Logo no primeiro ano é apresentado à editora Chants du Monde: «Pediram-me para fazer um disco, mas nunca pensei que quisessem um LP. Resultado: tive de gravar 16 temas numa tarde.» Nasceu assim o primeiro álbum de Luís Cília, *Portugal/Angola, Chants de Lutte*: «Artisticamente, era muito mau. No entanto, é talvez o mais conhecido dos meus discos e aquele que mais vendeu.»

Os trabalhos seguintes, caso de *Portugal Resiste, La Poésie Portugaise* (três LP) ou *Contra a Ideia de Violência, A Violência da Ideia*, nunca puderam ser editados em território nacional — censura oblige — mas, pelo menos na Livraria Barata, havia sempre um exemplar pronto a ser vendido por debaixo do balcão.

Estuda composição e guitarra clássica, faz amigos e as portas começam a

abrir-se. Dar pequenos recitais e fazer música para filmes, teatro ou bailado torna-se o pão nosso de cada dia: «A primeira experiência foi *O Salto*, filme de Christian de Chalonge, onde as guitarras que se ouvem em fundo foram tocadas por mim e pelo Paco Ibañez.» Aliás, foi este cantor-autor espanhol que apresentou Luís Cília a Georges Brassens, o que viria a permitir ao músico português entrar para a Sociedade Francesa de Autores: «Essa foi uma das minhas coroas de glória: entrar tendo o Brassens como padrinho.»

Em 1967 tem a oportunidade de participar no Encuentro de la Canción Protesta, realizado no país de Fidel Castro, onde prisa com Pablo Milanés e Silvio Rodríguez, os cubanos da Trova Nova ou o chileno Victor Jara: «Cheguei a cantar na Sierra Maestra, mas o mais surpreendente era cruzar-me nas ruas com indivíduos como o escritor Peter Weiss ou o Douglas Bravo, líder da guerrilha venezuelana.»

**TENDÊNCIA GROUCHO** Com o 25 de Abril de 1974, regressava a Lisboa cheio de sonhos, mas para surpresa sua começou logo a ter alguns amargos de boca: «Vivia-se num ambiente de grande sectarismo e, em França, estava habituado a maior tolerância. Numa entrevista, afirmei que o Alfredo Marceneiro tinha sido revolucionário, o que causou grande polémica.» Mesmo assim, viu, pela primeira vez, um disco seu editado em Portugal, com um título bem adaptado às circunstâncias: *O Guerrilheiro*.

O que também não lhe serviu de muito: «Tive dificuldade em fazer entender às pessoas que era um músico profissional e não um músico do PCP», desabafa.

A semelhança do que fizera em França, tenta introduzir o hábito dos pequenos recitais, sobretudo na província, o que na sua opinião permitiria a profissionalização dos músicos portugueses: «Depressa percebi que era um objectivo utópico. Faltavam as estruturas, não havia salas...», afirma.

As desilusões somou-se, no final da década de 70, a quebra da sua militância no PCP: «Deixei de me identificar. Li as memórias do Roger Vailland — militante do PC francês na década de 50 — e segui-lhe o exemplo. Uma noite achei que devia acabar e nunca mais pensar no assunto.» Ao contrário de muitas outras, foi uma rescisão amigável, sem traumas: «As pessoas perceberam que eu continuava marxista, mas... de tendência Groucho. Daí que ninguém me tenha pedido para ficar. Afinal, estive sempre no PCP como um tipo que mijava fora do penico.» ■